O ANJO DA HISTÓRIA E A PANDEMIA.

Wladimir Blos*

Resumo.

Este trabalho analisa as concepções da Antropologia Benjaminiana diante da pandemia do Covid-19, marca histórica do ano de 2020 e uma experiência desconhecida para as sociedades contemporâneas. Toma-se como referência a Antropologia da Performance de Victor Turner e Richard Schechner, bem como o referencial teórico da Antropologia da Doença de Laplantine. Experiência teórica, com base na pesquisa bibliográfica, cujo fim é a elucubração da alegoria sobre o Anjo da História, figura emblemática das reflexões de Walter Benjamin sobre o homem frente ao processo histórico, ao que tomamos a pandemia como elemento de análise, em uma perspectiva ontológica.

Palavras-chave: Antropologia, Drama e pandemia.

Abstract.

This paper analyses the conceptions of Benjaminian Anthropology in the face of the Covid-19 pandemic, a historic mark of the year 2020 and an experience unknown to contemporary societies. It takes as reference the Performance Anthropology of Victor Turner and Richard Schechner, as well as the theoretical framework of the Anthropology of Disease whose exponent is Laplantine. Theoretical experience, based on bibliographic research, whose purpose is to clarify the allegory about the Angel of History, an emblematic figure of Walter Benjamin's reflections on man in the face of the historical process, to which we take the pandemic as an element of analysis, in a ontological perspective.

Keywords: Anthropology, Drama and Pandemic.

Introdução.

1. Uma Antropologia Benjaminiana.

Para tocarmos delicadamente as penas das asas do Anjo da História, figura emblemática da visão de mundo de Walter Benjamin, carecemos contextualizar o que se entende por Antropologia Benjaminiana. Nesse afã, texto de Dawsey (2009) é seminal para podermos, hermeneuticamente, compreender essa alegoria benjaminiana, bem como encontrarmos o fio de seda que une o Anjo da História com a Pandemia que ora o Planeta atravessa, com perdas de vida irreparáveis. E não há como tratar com Dawsey sem nos inteirarmos com a obra de Victor Turner e sua concepção de uma antropologia hermenêutica. Turner nos remete a uma visão de mundo mui associada com o ritual e o teatro. E, como teatro, estamos sempre a mercê da tragédia, na exegese mesma do termo. Nesse interim, ao pôr em diálogo Turner e Benjamin, Dawsey (2009), o autor propõe tanto as interfaces entre a antropologia, o teatro e a filosofia. E são

nessas interfaces que nos depararemos com situações reveladoras. Um elemento da teoria turneriana é a noção de drama social. E, desta forma, Dawsey (2009) reiteradamente nos convida a burilar ideias com Turner (1986) e Geertz (1986; 1983). Um terceiro autor surge no arcabouço da fundação de uma antropologia benjaminiana, ou seja, Wilhelm Dilthey, em seu entendimento de uma antropologia da experiência, a qual, Dawsey igualmente se debruçou na antropologia brasileira. Portanto estamos diante de um autor-antropólogo que não teme o desafio de novos campos de estudos e lentes para ler o mundo. Nas linhas e entrelinhas da proposta de uma antropologia benjaminiana, Dawsey (2009) alertamos para as afinidades entre ambos os autores agora citados com Benjamin (1999, 1985), onde somos convidados a refletir sobre a “noção de experiência aparece como um ponto de inflexão. Benjamin explora a natureza insólita da experiência humana (DAWSEY, 2009). Outro autor imprescindível é Clifford Geertz (1978), notadamente nas interpretações da cultura, cultura essa se mostra através das metáforas, rasuras, o que fica à margem, as elipses da narrativas sobre fragmentos das experiências. Aqui nós somos transportados para a ideia de crítica literária de Walter Benjamin, ao se referir às dinâmicas entre história e narração, uma fronteira hermenêutica que lança o convite ao ouvir as vozes que saem do silêncio oprimidas pelo processo histórico que nunca foi ou será linear.

O artigo tem o fito de contemplar uma antropologia benjaminiana com a pandemia que perpassa o mundo nesse ano de 2020. Algo extremadamente dramático que pegou a todos sem nenhum anúncio ou preparativos. Com efeito, o mundo parou. A pandemia de Covid-19 deixa claramente o enfoque de Dawsey (DAWSEY, 2009, p.350); em citação literal,

Também vem de Burke (1945) a noção de dramatismo que inspira não apenas as abordagens de Turner e Geertz na antropologia, mas também na sociologia, o interacionismo simbólico de Erving Goffman. Ao passo, porém, que Goffman (1959) procura analisar o teatro da vida cotidiana, Turner se interessa pelo teatro desse teatro, ou metateatro da vida social. O olhar de Turner dirige-se para os momentos de suspensão de papéis. Na medida em que Geertz encontra na cultura as histórias que pessoas contam sobre si para elas mesmas, sua abordagem aproxima-se à de Turner. Ambos se interessam pelas dimensões extraordinárias do cotidiano e pelos modos como as pessoas significam os seus mundos. Goffman, por sua vez, procura revelar as dimensões cotidianas do extraordinário. Em sua desconfiança em relação às formas de mistificação envolvidas na criação de fachadas pessoais e da própria vida social, a sociologia de Goffman aproxima-se especialmente do teatro de Brecht e, até mesmo, do pensamento benjaminiano. Turner inspira-se na tragédia grega (aristotélica)? Mais próximo a Brecht, Goffman interrompe as sequências do drama, focando a cena. De um lado, uma espécie de teatro do maravilhoso. De outro, a revelação dos bastidores. De um lado, as forças de empatia, a catarse e a emoção. De outro, o distanciamento, com

efeitos de choque. A ótica dialética que Benjamin (1985a:33) encontra no surrealismo — que vê o cotidiano como impenetrável e o impenetrável como cotidiano — surge como uma interessante fusão de horizontes. A sua tradução, ou possível des-leitura criativa, no campo da antropologia talvez exija um esforço no sentido de se juntarem as perspectivas de Goffman e Turner, tomando como foco um metateatro cotidiano.

Do artigo aqui citado, de autoria de Dawsey, ater-nos-emos ao se chama “espelho mágico”

I.1. Espelho mágico.

Não é de bom tom iniciar um artigo ou um item do mesmo com uma citação literal, porém a preciosidades e pertinência das reflexões de Dawsey (DAWSEY, 2009, p. 351). Diz ele,

Nosso ponto de saída pode surpreender. Ao invés do movimento que se detecta no modelo de ritos de passagem de Arnold Van Gennep, de acordo com o qual se vai do cotidiano ao extraordinário (ou liminar) e de volta ao cotidiano, evoca-se de início a própria experiência do extraordinário — o espelho mágico. Trata-se de uma das imagens prediletas de Victor Turner (1987b:22). Chama a atenção o momento originário de um percurso: os estudos de Turner sobre rituais e suas formulações do conceito de drama social. As sociedades, diz Turner, produzem deslocamentos com efeitos de paralisia em relação ao fluxo da vida cotidiana. Brincando com o perigo, sacaneiam-se a si mesmas. Em momentos extraordinários, às margens, no límen, elas provocam a suspensão de papéis, com efeitos de estranhamento. Em instantes como esses — de liminaridade e *communitas* (Turner 1969) — as pessoas podem ver-se frente a frente como membros de um mesmo tecido social. Daí, a importância dos dramas sociais, e dos rituais que os suscitam (através de rupturas socialmente instituídas) ou deles emergem (como expressões de uma ação reparadora). No espelho mágico dos rituais, caos transforma-se em cosmos, tornando possível a recriação de universos sociais e simbólicos plenos de sentido.

O conceito de drama social proposto por Turner (apud DAWSEY, 2009), a partir de uma leitura da tragédia grega, adota-se uma versão aristotélica. Há uma sequência a se observar. Para iniciar ocorre uma ruptura na ordem normativa. Na sequência, verifica-se a intensificação da crise. Agravadas as tensões, cabe a ação reparadora; para, por fim haver o desfecho dessa crise, o que pode resultar ou em uma solução apaziguadora ou em um racha definitivo na ordem normativa. Esse modelo gera uma angústia em Dawsey (2009). A qual ele expressa com a preocupação quanto aos eventos que se mantém arredios aos processos estruturantes em um contexto social dado. Circunstância que nos remetem ao drama da pandemia, algo que chegou de forma intensa e generalizada, abraçou o mundo, e nos questiona quanto às duas últimas fases do modelo de drama social proposto por Turner (apud DAWSEY, 2009). Na escala do tempo, qual a ação reparadora às sociedades encontra para combater a pandemia, sua eficácia, e a sanha de consumir mais vidas, no instante que cientistas se esmeram em produzir uma vacina ou um tratamento inconteste quanto ao Coronavírus? E, por fim, onde está a luz no fim do túnel do drama da pandemia.? 62 mil óbitos no Brasil na data de 02 de julho

de julho, com uma média de letalidade que cresce ao passo que a economia e políticos pressionam para a flexibilização das restrições que buscam conter o contágio entre os indivíduos, somando-se a omissões e falhas graves nas políticas de saúde em todas as esferas da Federação? Na esteira desse drama da pandemia, surge a outra angústia de Dawsey (DAWSEY, 2009, p. 352),

A segunda inquietação, associada à primeira, tem a ver especificamente com o modo como Victor Turner (1987a, 1986, 1982a) concebe uma antropologia da experiência e uma antropologia da performance. Observa-se, de início, o que Turner tem em mente: não a "mera" experiência, que se caracteriza pela passividade, mas justamente a experiência enquanto processo criativo e marcante. Apoiando-se em Dilthey, Turner (1982a:13) delineia cinco momentos segundo os quais se pode analisar essa segunda modalidade de experiência: 1. um desafio apresenta-se no plano da percepção, colocando a pessoa e seus esquemas de interpretação em estado de risco; 2. imagens do passado são evocadas; 3. emoções associadas a essas imagens são revividas; 4. imagens do passado articulam-se ao presente "numa relação musical", possibilitando a criação do significado; e 5. uma expressão, ou performance, completa e realiza o processo da experiência. Enquanto a etimologia do termo "experiência" tem a ver com a ideia de risco, ou perigo, como Turner (1982a:17, 1986:35) ressalta, a palavra "performance" nos remete ao francês *parfournir*, "completar", "realizar totalmente" (Turner 1982a:91).

Considerando-se a metáfora de Turner, amparado em Dilthey (DAWSEY, 2009, p. 352) referimo-nos a forma como o presente se aderem a imagens do passado que se articulam ao presente, “musicalmente”,

(...) "[N]uma relação musical" — o que dizer de paisagens sonoras carregadas de ruídos? Na antropologia da experiência de Turner, haveria um risco de se abafarem as vozes mais ruidosas do passado? Ou permitir que elas se afundem no esquecimento? O grito subterrâneo que Antonin Artaud (1999:169) buscava no teatro e o riso infernal que Benjamin (1999a:325, 2006:369)² encontrou em Charles Baudelaire teriam lugar nessa antropologia da experiência? Eis um desafio. Como fazer uma antropologia do barulho, ou dos ruídos que escapam de processos de organização do som? Talvez seja preciso encontrar meios de explorar o que poderíamos chamar de "inconsciente sonoro" das paisagens culturais, ou o equivalente auditivo da noção benjaminiana de "inconsciente óptico" (Benjamin 1985c:189). Nos limites da hermenêutica, em que fios sonoros que tecem círculos hermenêuticos se energizam em meio a curtos-circuitos, imagens carregadas de tensões interrompem, com efeitos de paralisia, processos de recriação de significados. Talvez estejamos lidando, afinal, não apenas com questões da interpretação do mundo, mas também da constituição de uma vontade para interromper o seu curso. Uma performance, ou expressão, completa e realiza o processo da experiência? O que dizer, então, do aspecto não-resolvido e inacabado das coisas? Um ponto de interrogação benjaminiano também cutuca essa antropologia da performance: *parfournir*, "completar", "realizar totalmente"?

Em sentido mais amplo, diante da panóplia de eventos performáticos e dramas sociais, cada um na sua semântica (DAWSEY, 2009, p.28),

Clifford Geertz manifestou as suas próprias inquietações. A forma do "drama social" de Turner corre o risco sempre de virar fórmula, um esquema explicativo capaz de dar conta de ritos de passagem tribais, insurreições mexicanas, relações entre Thomas Becket e Henry II, movimentos milenaristas, romarias e carnavais do Caribe: "uma forma para todas as estações" (Geertz 1983:28). Geertz ainda observa: "No entanto

esses processos formalmente parecidos têm conteúdo diferentes" (Ibid.:29). Em Geertz encontramos algo que não havíamos visto em Turner: uma antropologia dos gestos, um olhar que se dirige aos detalhes, aos fragmentos. Fazendo uso criativo de uma noção e de um exemplo do filósofo inglês Gilbert Ryle, ele propõe o que seja uma boa etnografia: a capacidade de distinguir um piscar de olhos de uma piscadela marota. Isto ele chama (com Ryle) de "descrição densa" (Geertz 1978a:15-16). "Contrair as pálpebras de propósito, quando existe um código público no qual agir assim significa um sinal conspiratório, é piscar. É tudo que há a respeito: uma partícula de comportamento, um sinal de cultura e — *voilà!* — um gesto" (Ibid.:16). (...) Chama a atenção em Geertz (1978b:65) a sua disposição para "descer aos detalhes, além das etiquetas enganadoras". Desconfia-se dos paradigmas da ordem. "[A] coerência não pode ser o principal teste de validade de uma descrição cultural" (1978a:27). Se, por um lado, "os sistemas culturais têm que ter um grau mínimo de coerência, do contrário não os chamaríamos sistemas" e, de fato, "vemos que normalmente eles têm muito mais do que isso", por outro, "não há nada tão coerente como a ilusão de um paranoico ou a estória de um trapaceiro".

No metateatro da vida social, vislumbramos flashes reflexivos (DAWSEY, 2009, p. 354).

A metáfora do "espelho mágico", que se torna recorrente nos escritos de Turner, também evoca a abordagem que Geertz procura desenvolver. A formulação clássica de Geertz (1978c:316) sobre a briga de galos balinesa, "uma leitura balinesa da experiência balinesa, uma estória sobre eles que eles contam a si mesmos" — muito se aproxima da abordagem desenvolvida por Turner em seus escritos posteriores a respeito do modo subjuntivo ("como se") que caracteriza a performance. Uma briga de galos, tal como os momentos de interrupção discutidos por Turner, também nos leva a focar o extraordinário. É isto, diz Geertz (Ibid.:315-16), a sua capacidade de funcionar como "comentário metassocial", que a coloca "à parte no curso ordinário da vida", erguendo-a "do reino dos assuntos práticos cotidianos" e cercando-a "com uma aura de importância maior". Particularmente nos seus textos mais conhecidos, detecta-se em Geertz o mesmo "desvio" metodológico de Turner: procura-se focar os momentos em que sociedades brincam com o perigo, "desarrumando os contextos semânticos" (1978c:315). "Brincando com fogo" é um dos subtópicos mais sugestivos do texto de Geertz sobre a briga de galos. Em outro texto, a queda do rei morto e das viúvas nas chamas transforma-se em demonstração poderosa do universo social e simbólico que ganha vida em torno do Negara (Geertz 1991:127-152). Aqui, também, somos levados a ver como um cosmos social se recria do caos.

A pandemia nos acossa com uma triste realidade, a sobriedade do "centro" e a "loucura" da "periferia". A segurança da elite frente a pandemia e o "corra se puder" das camadas socioculturais menos privilegiadas hoje, e em todo o nosso processo histórico, um movimento que assola o Brasil em todo o seu gigantismo continental. Nenhuma região foi poupada e na data de hoje, 02 de julho de 2020, governadores das regiões mais equiparadas em infraestruturas de saúde e com os melhores indicadores de qualidade de vida do país. O conflito gerado pela posição negacionista do executivo, em várias instâncias, de que estamos diante de um evento de dimensões e consequências arrasadoras, gera dicções que configuram o que acima chamamos de metateatro. Em que sentido, políticos que possuem o preceito consagrado na Constituição Federal (1988), de zelar acima de tudo e de todos pela

saúde pública. E nisto a instância executiva é flagrantemente falha. Logo de manter o teatro do teatro. Em outras palavras, os discursos tratam de afastar às ameaças diante de ameaças cientificamente comprovadas, as quais estes mesmos políticos tratam de contradizer. No senso comum a política não é um teatro? Belo argumento para que chefes do executivos e responsáveis por políticas públicas em níveis municipais, Distrito Federal, Estados e a própria União. O descrédito político, a partir de um efeito de ver conveniente aos maus políticos e pérfidas políticas públicas de saúde e educação. E é desta debilidade que a pandemia se alimenta. Bizarro que a razão não prepondere sobre a assimilação do drama social causado pela pandemia. Tomo a liberdade de tomar a articulação proposta por Dawsey (2009), quanto às afinidades hermenêuticas e os reptos dente de um paradigma do metateatro nas políticas de saúde no Brasil.

Sobre essa hermenêutica, na devida contextualização diante do que esboçávamos (DAWSEY, 2009, p. 355),

Creio que a hermenêutica tem afinidades com esse paradigma. Chama a atenção o modo como o intérprete de um texto, ou conjunto de textos, ou ainda da cultura, conforme a antropologia de Geertz, procura focar justamente os detalhes e os fragmentos mais estranhos e refratários ao entendimento. Geertz dirige o seu olhar ao que se apresenta como estranho não apenas aos "de fora", tal como se espelha no olhar estupefato de Helms diante da cremação das viúvas, mas também aos "de dentro", tal como se espelha no olhar horrorizado de um balinês extremamente polido vendo-se sendo visto representado na selvageria de uma briga de galos. "Qualquer forma expressiva atua (quando atua) desarrumando os contextos semânticos..." (Geertz 1978c:315). Trata-se de uma aposta metodológica: quanto maior a obscuridade daquilo que se toma como objeto de investigação, maior a intensidade de uma iluminação final. O procedimento hermenêutico surge como um ato de risco, levando o intérprete a defrontar-se com abismos, nos lugares mais ermos, onde o outro se apresenta em toda a sua estranheza. Porém, justamente desse lugar olhado das coisas, onde as possibilidades de compreensão parecem ser mais remotas e o sentido das coisas mais tênue, procura-se reconstituir o cosmos. De novo, algo aqui nos faz lembrar dos ritos de passagem: a saída para um lugar distante; a experiência de um estranhamento profundo e, finalmente, a volta para o lugar familiar que se ilumina com intensidade maior. Assim se desenha o conhecido círculo hermenêutico. Um texto opaco carregado de elementos estranhos se apresenta, colocando em risco os esquemas interpretativos do leitor. Uma "crise" se esboça, demandando uma "ação reparadora": procura-se situar os elementos mais estranhos num conjunto articulado de textos, em contexto, para fins de expor a sua "normalidade" — sem reduzir sua especificidade. O "desfecho": uma iluminação final. Procede-se assim, diz Darnton (1988:xvii), "passando do texto ao contexto e voltando ao primeiro, até abrir caminho através de um universo mental estranho". Clifford Geertz (1983b:69) esclarece: Saltando-se em duas direções, para trás e para frente, entre um todo percebido através das partes que o atualizam e as partes concebidas através do todo que as motiva, procuramos transformá-las, através de um tipo de movimento intelectual perpétuo, em explicações uma da outra (tradução minha).

No tocante a pandemia não vemos um desfecho a curto prazo. Todavia, é necessário encontrar ações reparadoras, inserindo em um espectro geopolítico, igualmente abalado pela pandemia e ameaçados pelo gigantismo e preponderância econômica do Brasil perante a comunidade internacional regional. Vírus não necessita de passaporte ou respeita fronteiras. Indagamos: a priori atentos ao círculo hermenêutico que nos intuem a inquirir que rito de passagem conhece o Brasil no presente? A performance atual do Brasil não ajuda na imagem do país perante a Comunidade Internacional. O Brasil não sobrevive isolado do contexto internacional. Fato que nossos governante não querem ver, embora, custa-nos crer que não sejam avisados das suas sandices. Ou faltam assessores políticos que de fato saibam o que é a política e sistematicamente como está opera. Estamos diante de uma péssima performance, excelente para leituras dramáticas em uma perspectiva de uma Antropologia Benjaminiana. Algo é certo, o qual podemos adiantar, a performance política, com tintas benjaminianas, é a performance do suprimido com a intenção de esconder um drama social impactante: a pandemia. A dramaturgia social da pandemia, vide a teoria geertziana, as desenvolturas negacionistas quanto a gravidade desta pandemia evoca discursos de representação, ou seja, mirar a realidade através de espelhos mágicos que referendam os erros, equívocos e mazelas de nossas políticas de saúde e mecanismos de controle quanto a propagação do vírus. Quicá as forças do caos que assolam o Brasil se tornam uma toada que anestesia os brasileiros, estes, por sua vez, por consequência os brasileiros, qual o mitológico Ganimedes, se perdem em mirar o espelho mágico e sucumbem a falastrões muito bem preparados nas artimanhas performáticas que afastam os brasileiros da consciência sobre a dureza de seus cotidianos, efeitos de más políticas e maus políticos. Ao recortar a realidade sociopolítica brasileira, que melhor laboratório para análises desde uma Antropologia Benjaminiana? No transe a sociedade brasileira se revela ou se amocam os nossos dramas sociais? Não temos uma resposta precisa para essa provocação. Inegavelmente, como abalizou Geertz (1991, p. 152) no *Negara*, a “arte de governar é uma arte teatral”. O que lamentamos é que o Brasil não esteja na trilha do bom governo, logo, salta ao bom teatro. No curso da História, o Brasil sucumbe ante uma nova ordem. Como nos recorda Benjamim (apud DAWSEY, 2009), há uma razão de se. Os conceitos dos dominantes foram sempre o espelho graças ao qual se realizava a imagem de uma

‘ordem’. O caleidoscópio deve ser destruído (Benjamin 2006; p.384; 1999, p. 339; 1995, p.154)”.

Chega o momento de nos debruçarmos sobre processos históricos e naquele personagem que marca a filosofia de Walter Benjamin: o Anjo da História. Uma alegoria esclarecedora sobre as formas como os homens transitam entre um drama social e outro.

2. Angelus Novus e a Pandemia.

O quadro de Paul Klee (1879 - 1940) possui muitas camadas entre a realidade e a imaginação. O Anjo da História é muito cara a Walter Benjamin. O Angelus Novus, de 1920, adquirido pelo filósofo Walter Benjamin, que o descreveu como o ” anjo da história”, que olha assustado para a catástrofe do passado. Paul Klee** pintou um quadro que ultrapassou todas as fronteiras da arte e adentrou pelos estudos culturais, na filosofia, na Antropologia. Trata-se do Angelus Novus. Anjo que ensina um movimento de distanciamento dos dramas para os quais ele olha hipnoticamente. O aspecto deste anjo é de desfiguração. Suas asas expressam muito do que seu corpo quer evitar. Será ele realmente um anjo? Essa figura é alusiva ao que Benjamin se refere como o Anjo da História. Ao se recusar a encarar o presente, para onde ensina mirar o nosso Anjo? Para o passado. O presente é caótico, não merece sua atenção. Ideal buscar o idílico passado. Tal qual uma significativa parcela do povo brasileiro tratou de fazer recentemente em pleito eleitoral, vítimas antes de um discurso político populista e assombrosamente vazio. Sobre o Anjo da História, Benjamin (1985e) assevera que vivemos sob a égide de uma cadeia de acontecimentos. Benjamin não se afasta da ideia de catástrofe, ruína e o desfazimento sob os pés dos humanos. Benjamin queria sacudir e acordar os mortos, ou antes, salvar o homem da morte. Para isto ele reunia fragmentos da experiência humana. O anjo de Benjamin vê suas asas abertas paralisadas diante do destino dos homens. O perigo está logo ali em frente, como eles não veem? Se tortura o anjo. E nessa incapacidade dos homens, ele, o Anjo, como que desiste de alertar os infelizes e assiste perplexo o mal que os homens causam a si mesmos e ao seu meio. Não há mais paraíso para os homens. Um Anjo caído entre os homens. A tempestade que fustiga os homens Benjamin (1985) denomina progresso. O anjo opta por se voltar para o passado, tempos melhores, sucumbe ao sonho que adormece os homens. O bonito na reflexão de Benjamin é que ele não discerne o homem da história e da cultura. O que pode

representar um indício contraditório de esperança quanto ao futuro. Entretanto, não devemos confundir o autor com o significado que ele atribui aquele Anjo da História. Da mesma forma que a tela que sustenta a figura do anjo, o passado é uma tela para o homem se espelhar. Não há nada de saudosismo em Benjamin. Um saudosismo de um tempo que ele não viveu. Antes um alerta ilustrado pelo Anjo com as asas abertas e congeladas pela perplexidade para com o presente. Hermeneuticamente Benjamin vê a sociedade como um palimpsesto a ser lido, conferido dentro das contradições que os próprios homens causam entre si. Ele nos lega a mensagem de que ao abrir os olhos nós podemos descongelar as asas do Anjo da História, vencendo a perplexidade e estranhamento para com a sociedade.

Que halo mágico possui o Anjo da História? E em que o Anjo da História contempla a pandemia atual? Em que está pintura nos auxilia, com o robusto aporte de Benjamin, a compreender o que vivemos hodiernamente? Quem se perde na apreciação do Anjo da História não há de ter uma visão otimista diante da dialética entre às forças que tencionam a sociedade brasileira. Vamos a Benjamin. O campo de estudos é a estética. O anjo da história se distingue pela aparência de Angelus Novus, com seus olhos inchados, e tem uma visão consciente dos acontecimentos passados e vê uma catástrofe única, a ruína se acumula após a ruína e se dispersa a nossos pés. Ele quer acordar os mortos, mas não pode. Uma tempestade do paraíso também está impedindo e dando as costas para o futuro. O futuro que ele não vê. Qual é a história?

Membro da Escola de Frankfurt, Benjamin, incluso em suas críticas literárias, tinha uma inclinação a um marxismo pautado na teoria pura e não no processo histórico que o século XX assistiu com a experiência comunista soviética. Assistiu o surgimento dos movimentos nazistas e fascistas que o levaram à morte. Ele se atém ao emblema do progresso que cobra mais e mais dos homens, reificam e deturpam os corpos. Na concepção do materialismo histórico o proletário vive sob condições indignas, tanguido a trabalhar para poder consumir. Na mesma medida em que é consumido pelo capitalista e tal qual um vírus, este adentra no âmago da consciência deste indivíduo que paulatinamente o irá consumir. Esse progresso não possui altruísmo algum.

Que progresso é este? E como pôr na escala da pandemia a ideia politicamente perversa de progresso ou, ao revés?

O que veria o Anjo da História se suas asas o trouxesse ao Brasil de hoje? Não resta dúvidas que teria um acidente vascular cerebral. Que triste realidade abateriam nosso perplexo Anjo da História?

3. O Anjo da História toma em suas mãos os relatos confiáveis da triste realidade da pandemia no Brasil.

Nosso Anjo chega a um país em colapso total. E uma crise moral e ética sem precedentes em nossa história. O Brasil foi atingido fortemente pela pandemia do Coronavírus. Temos ideia dos danos sociais que ela causa. O que sabemos mensurar é a dimensão e mazelas que perdurarão por gerações entre nós. Em uma sociedade politicamente saudável isto já não seria de fácil projeção. E uma política saudável é tudo o que o Brasil não conhece. Não bastasse a derrota que o país enfrenta para o Coronavírus, nosso Anjo há de dar conta de outros afliges entre os brasileiros. Em uma longa lista de problemas sociais, o Brasil enfrenta o colapso da saúde, a pobreza generalizada, a desigualdade social, a falta de saneamento básico, um sistema de saúde eficiente, uma economia destrambelhada, uma educação que deseduca, a hegemonia de discursos xenófobos, misóginos, homofóbicos, racistas, belicistas, anacrônicos em todos os sentidos possíveis. E é nesse cenário que o Coronavírus encontra condições propícias para fazer o que dita sua natureza: ceifar vidas. Posto que encontrou condições ambientais ideais, conheceu a sorte de se deparar com um país governado por políticos negacionistas frente a uma agenda econômica neoliberal. E vírus não se questiona quanto custa uma vida humana. Para ele isto é uma banalidade. Mensageiro da morte, ele se apraz em solo brasileiro. E o que fazem os brasileiros que não agem para mudar o “estado da arte” da política brasileira? Simplesmente assistem como se fossem imunes ao vírus, resistem às medidas de contenção que os parques políticos com lucidez implantam em seus estados, amparados nas instituições permanentes da República. Do contrário, tudo isto não passaria, na visão de altas figuras do poder executivo, uma simples “gripezinha”. Essa “gripezinha” já fulminou mais de 60 mil vidas no Brasil. A perplexidade chegaria ao seu ápice ao adentrar em um hospital ou unidade de tratamento ao Coronavírus, a precárias condições e, conseqüentemente, os depósitos de pessoas que agonizam no aguardo de um respirador, uma realidade distribuída pelo país todo. Nenhuma região do país foi poupada.

O triste é que o drama com o qual irá se deparar o Anjo da História não encerra aí. Sem testagem ampla na população e subnotificações tendenciosas, o país está na

contramão das recomendações da Organização Mundial da Saúde. No dia de hoje, o governador de um pujante estado brasileiro, cuja opção foi o isolamento parcial, o que na prática não representou medida alguma de contenção. Essa mesma autoridade vem a público, reconhecendo sem reconhecer, que a estratégia foi falha e alertava a população para duas semanas cruciais e cruéis para as pessoas e o despreparado sistema de saúde do estado. Enquanto vemos a irresponsável flexibilização em estados outrora mais afetados, somente agora, quatro meses do início da pandemia, um ajuste no curso do enfrentamento a pandemia é adotado. Não será tarde? Perguntaria o Anjo da História. A crise no Sistema Único de Saúde e termos a vacância na chefia do combate ao Coronavírus a mais de um mês dão fortes indícios para o Anjo da História.

A comunicação e as estatísticas oriundas do Estado buscam obscurecer o drama social. Sobretudo no interior do país. O Brasil é um país altamente urbanizado. A maior parte da população reside nas metrópoles. Neste estágio assistimos a internalização da pandemia, justamente nas localidades onde a cobertura de assistência à saúde pública gratuita é inquestionavelmente mais precária. Porém, se nosso Anjo da História buscar o lado mais perverso dessa pandemia e das omissas políticas públicas aliadas a discurso negacionistas, recomendamos que ele visite as comunidades indígenas e quilombolas. Não há o que dizer do que: genocídio. O que não nos surpreende. Temos um presidente que tem verdadeira ojeriza aos povos indígenas e visa por suas mãos em terras e reservas indígenas protegidas por leis ambientais. O mesmo presidente que dá aval para que madeireiros e garimpeiros invadam essas reservas e cometam atrocidades contra os povos autóctones, ao tempo em que derrubam a floresta e após queimam a terra para gerar pastos para a pecuária em larga escala. ... Você chorará Anjo da História!

Há uma expressiva distância entre a elite e as camadas de mais baixo estrato social. Muito maior entre a metafórica distância entre o fígado e o coração! A maioria do povo brasileiro é afrodescendente e constituem os estratos socioeconômicos que concentram a maior desigualdade e a camada social mais afetada pela violência letal que assola o Brasil. Não carecemos ser infectologistas para localizar entre negros e pobres o nicho onde o Covid-19 se expande. E isto ocorre em consequência de tratarmos de uma sociedade insidiosamente excludente e protagonista de um racismo enrustido, não obstante exista um escopo legal vigoroso para coibir esse tipo de discriminação. Do que serve termos leis se nossa educação é

falha e reprodutora deste racismo? É certo que o vírus não escolhe seletivamente. Todos estão sujeitos ao contágio. Ao seguir as recomendações de isolamento é palatável para que pode manter distanciamento das demais pessoas, lavar as mãos e usar álcool gel. Assim como usar constantemente máscaras ao sair de casa. Ao se deparar com as condições de vida nas comunidades pobres, espremidas em barracos morro acima e sem a distância recomendável, o que fazer? Ao tomarmos o Rio de Janeiro como exemplo, dos idílicos bairros da zona sul da cidade, basta olhar para cima e ver um labirinto de moradias precárias, sem saneamento, sem segurança, entregue a violência do tráfico, das milícias e inclusive da polícia, aparelho ideológico do Estado criminosamente autorizado a atirar, abater para após apurar. Então, há pena de morte no Brasil ou não Sr. Anjo da História? Oficialmente não. Mas como explicar que no computo anual, morram mais pessoas nas escaramuças em traficantes, milícias e policiais do que em conflitos como a guerra da Síria?

Para finalizar esse rosário de mazelas que afetam o Brasil, urge apontar que estamos sendo desafiados por um feixe de dramas sociais. Há um porém nesse convite Anjo da História para que olhes para o Brasil! Se há alguém que a alada criatura deve cobrar respostas, essa pessoa é o governo de Bolsonaro que quer sacrificar vidas em prol da economia. Em toda a história republicana brasileira, jamais conhecemos tais descabimentos internamente e no cenário internacional. O Brasil está cada vez mais isolado, na mesma medida em que é despedaçado e vendido ao capital estrangeiro, fundamentalmente em momentos de crise como o que vivenciamos hoje. Na surdina, tal qual o Anjo que evita mirar o que a ele se apresenta e sucumbir ao sono de um passado que é uma “restauração do comportamento” *** (SCHECHNER, 2006). Um Anjo o que dizer a um governante que vê pessoas como peças em uma linha de montagem. Pode ser mais fordista?*****

4. Antropologia da Doença: reflexões necessárias.

Ao contemplar nosso objetivo de associar a pandemia em um escopo ímpar como é a Antropologia Benjaminiana, não podemos deixar a lacuna que remete a teia de significados de uma pandemia com os efeitos indesejados e desavisados do adoecer perante um caos tão gritante como no Brasil. O que é adoecer e o que é o temor da doença? São inúmeras as pessoas que para se protegerem da pandemia estão a longo tempo em isolamento radical. Se por um lado o isolamento é o recomendável, ele

igualmente traz outras moléstias. Trabalhar home office não significa uma redução da carga de trabalho, tampouco, nele, há um tempo determinado para realizar trabalhos ou estudos remotos. Em nessa toada, o indivíduo tende a esquecer dos limites que a carga horária de trabalho impõe. Se bem analisarmos o drama do Anjo da História, podemos com alguma observação considerar que algo de estranho há em seu desconforto. Que desconforto seria este? Ou, que doença seria está? Nós nos afastaremos de certo modo de nosso amigo, o Anjo da História, para contextualizar no que consiste a doença e o adoecer. Algo que surte necessário, pois, estaria o Anjo da História em choque, portanto, doente frente ao mundo dos homens. E se assim for, no que consiste doença e adoecer? Logo resulta imperativo, uma necessária digressão a partir da Antropologia da Doença de Laplantine (1991). Quiçá possamos descobrir se a angústia do Anjo da História sucumbiu a vulnerabilidade humana de adoecer e, conseqüentemente, morrer. Mas não queremos que nosso amigo morra, mui pelo contrário.

Enfim, o que diz Laplantine (1991) sobre adoecer e que remédios ele teria para tratarmos o Anjo da História, ou ontologicamente, a ideia no entorno dele seja exatamente a fronteira da doença e do adoecer, perplexo pelos desmandos do homem frente ao processo histórico ao qual ele mesmo, o Anjo da História, jamais poderá se esquivar. Reiteramos, não será ontologicamente o Anjo da História uma alegoria no limiar da doença e do adoecer? E por está razão, não estaria aí o elo que une a Antropologia da Doença e essa pandemia que nos assola? A priori, acreditamos que sim. Laplantine distingue um movimento inerente a doença e o conhecimento sobre modernas ou ancestrais práticas de cura. "Disease" se refere a uma experiência alheia ao doente. Trata-se de um conhecimento que reside nas medicinas. Dinâmica contrária é aquela que o doente experimenta. Aquele Laplantine (1991) chama de "doença na terceira pessoa" e este "doença na primeira pessoa". O comporta saberes que não interessar ao nosso Anjo da História para que desvende o mal que o assola. Os conceitos mais antigos de doença caracterizam-na como mal, entidade em si, dito isto delimitamos que não versaremos sobre a Antropologia da Doença em uma perspectiva histórica. Limitar-nos-emos em examinar o modelo ontológico de doença. O etnocentrismo entre as culturas, Sr. Anjo da História, marca da capacidade social do homem se a inúmeras representações da doença e práticas de tratamento e cura. Pensemos Sr. Anjo, no

modelo que Laplantine (1991) adota em sua visão ética sobre a Antropologia da Doença. Ontologicamente, a doença nos remete ao plano da natureza humana. Enquanto seres biológicos, somos sujeitos ou a forças externas, como o covid-19, como ao inexorável processo de envelhecimento, que paulatinamente vai esculpindo e desgastando nossos corpos e mentes. A especulação ontológica da doença remete o homem contemporâneo aos avanços do conhecimento médico fisiológico, em outro dizer, processos que mantêm uma pessoa viva, ou à saúde psíquica. No bojo da visão ontológica encontramos o especificismo, que atribui o mal a forças alheias ao corpo, e o essencialismo, que atribui às doenças significados para além da razão científica, tradições, costumes e práticas seculares fazem parte deste entendimento. O corpo se sujeita a tensões entre forças outras que àquelas do plano fisiológico. E cada cultura possui suas cosmologias corporais. Ao se render a efetividade dos fatos, o modelo ontológico possui a tônica de admitir que as representações sociais****se tornam bálsamo tranquilizador, ainda que reconheça que a doença carrega uma causa exterior, algo alheio ao sujeito, porém, ao órgão disfuncional, o que o exime de culpa. Tendo uma causa externa ao sujeito, a causa da doença no modelo exógeno, à semelhança do modelo ontológico, situa a causa da doença fora do indivíduo. Há um porém que não podemos deixar de considerar: o saber médico, ou seja, quando “ele está doente”. Esse saber vê a doença como mal incontornável. Poderá tratá-la como consequência de um comportamento errático, desviante. Comportamento este facilmente observável em nossos governantes.

Sr. Anjo da História, cabe avisar, se vier ao Brasil durante a pandemia sem governo, use máscara!

Notas:

* Doutor em Antropologia Social, linha de pesquisa Antropologia das Formas Expressivas (Antropologia da Performance e Drama Social). Professor Adjunto B lotado no Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Santa Cruz. Ilhéus, Brasil. Área: Ciências Sociais. Contato. wsblos@uesc.br.

** A obra de Paul Klee é complexa e de difícil classificação. Solitário ao executar e apresentar sua arte, buscava sempre inovar com novas expressões artísticas.

KLEE, Paul. Angelus Novus. Museu de Israel. Jerusalém. Ano de criação 1920. Oil transfer and watercolor on paper 31.8 x 24.2 cm. Public Domain. Disponível em: <<http://www.imj.org.il/node/192356#>>. Acesso em 02 jun 2017

BAPTISTA, Mauro Rocha. Sobre anjos e folhas secas: em torno do Angelus Novus de Paul Klee. HORIZONTE, Belo Horizonte, p. 136, mai. 2009. ISSN 2175-5841. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/427>>. Acesso em: 02 Jun. 2017.

*** “O comportamento restaurado é o processo principal de todos os tipos de performance, seja na vida cotidiana, na cura, nos ritos, em ações, e nas artes (...) está “lá fora”, à parte do “eu”. Colocando em palavras próprias, o comportamento restaurado “sou eu me comportando como se fosse outra pessoa”, ou “como me foi dito para fazer”, ou “como aprendi” (SCHECHNER, 2006, p. 34)”. (...) É, nesse sentido, um “modelo” formado por sequências organizadas, roteiros, movimentos que, de certa forma, são combinações de experiências vividas que integram um contexto social. De acordo com Schechner (2006, p. 35), ainda que em nosso cotidiano digamos que nos comportamos como nós mesmos (em relação ao eu de cada um), ao aprofundar tais relações verifica-se que as unidades de comportamento que contêm meu ‘eu’ não foram por ‘mim inventadas’ e refletem a compreensão de que estamos ligados à forma como interagimos na estrutura social ou ao papel que exercemos (FARIA, 2015, p.03). (...) As formas como os indivíduos se relacionam no processo de socialização são determinadas por essas porções de comportamentos que instigam as memórias; as experiências físicas e intelectuais, e até mesmo as lembranças e os pensamentos que não se tornaram ações podem influenciar e produzir as restaurações. O comportamento restaurado é simbólico e reflexivo: não comportamento vazio, mas pleno, que irradia pluralidade de significados. Esses termos expressam um princípio simples: a pessoa pode agir como outra; a pessoa social ou transindividual é um papel ou conjunto de papéis (...) transformando em teatro o processo social, religioso, estético, médico e educacional. A representação significa: nunca pela primeira vez, isso significa: da segunda até n vezes. A representação é o ‘comportamento repetitivo’ (SCHECHNER, apud SILVA, 2005, p. 58).

**** “Um dos pontos mais importantes reside na necessidade de se considerar o fordismo como um conjunto consistente de regras que configuram uma forma particular de organização da produção e como um padrão cultural que tem afetado a lógica das decisões gerenciais desde o início dos anos 20. Deste modo é necessário apontar que, de uma forma abstrata, o fordismo tem se difundido como um paradigma para a tomada de decisões em todas as economias capitalistas (bem como em economias centralmente planificadas). Entretanto, como uma forma concreta de produção e organização do trabalho, o fordismo não tem sido aplicado em todas as plantas e empresas. Como um conjunto de regras e como uma lógica de organização, o fordismo foi desenvolvido para a obtenção de maior eficiência e aumento das economias de escala na produção de produtos discretos e razoavelmente padronizados. O seu sucesso originou o crescimento de um grande mercado consumidor para produtos fabricados em massa (ALVES FILHO et al, 1992, p. 115).

***** Representações sociais. Reúnem o conjunto das explicações, crenças e ideias comuns a um determinado grupo social; social sem romper com questões de individualidade. resultam de uma interação social, sem perder de vista, contudo, a questão da individualidade. Possibilita a assimilação de uma vasta teia de significados no seio social, que, como fato social, são coercitivas, exteriores, gerais e geracionais. Ao seguir essas normas o sujeito é inserido em seu grupo social.

Referências.

ALVES FILHO, A.G. et al. Fordismo e Novos Paradigmas de Produção: Questões Sobre a Transição no Brasil. PRODUÇÃO. Rio de Janeiro - Vol. 2 - NII2 - março 1992 - pp. 113-124.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222 – 232.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

BENJAMIN, Walter. 2006. Passagens. Org. Willi Bolle. Belo Horizonte/ São Paulo: Editora UFMG/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

_____. The Arcades Project. Cambridge/London: The Belknap Press of Harvard University Press, 1999.

_____. "Rua de mão única". In: Obras escolhidas II: rua de mão única. São Paulo: Brasiliense, 1993 pp. 9-70.

- ____. "A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica". In: Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985, pp. 165-196.
- ____. Sobre o conceito da história. In: Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985, pp. 222-232.
- ____. "A Paris do Segundo Império em Baudelaire". In: F. R. Kothe (org.), Walter Benjamin. São Paulo: Ática, 1985. pp. 44-122.
- DAWSEY, J. Por uma antropologia benjaminiana: repensando paradigmas do teatro dramático. *Mana*, vol.15, no.2 Rio de Janeiro. Oct. 2009.
- FARIA, M. F. de. Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares, v. 12. n. 2, nov. 2015.
- GEERTZ, Clifford. 1991. *Negara: o Estado teatro no século XIX*. Lisboa: Difel.
- ____. "Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura". In: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar. 1978. pp. 13-44.
- ____. "O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem". In: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar. 1978. pp. 45-66.
- ____. "Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa". In: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar. 1978c, pp. 278-321.
- LAPLANTINE, F. *Antropologia da Doença*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SCHECHNER, Richard. What is performance. In: _____. *Performance studies: an introduction*. New York/London: Routledge, 2006.
- SILVA, Rubens Alves da. Entre "artes" e "ciências": a noção de performance e drama no campo das ciências sociais. *Horizontes Antropológicos*. v.11 n.24, jul./dez. 2005.
- TURNER, Victor. *The anthropology of performance*. New York: PAJ Publications. 1987.
- ____. "Images and reflections: ritual, drama, carnival, film and spectacle in cultural performance". In: *The anthropology of performance*. New York: PAJ Publications. 1987, pp. 21-32.
- ____. "Dewey, Dilthey, and drama: an essay in the anthropology of experience". In: V. Turner & E. M. Bruner (orgs), *The anthropology of experience*. Urbana/Chicago: University of Illinois Press. 1986, pp. 33-44.
- ____. *From ritual to theatre: the human seriousness of play*. New York: PAJ Publications. 1982.
- ____. "Liminal to liminoid, in play, flow, and ritual: an essay in comparative symbology". In: *From ritual to theatre: the human seriousness of play*. New York: PAJ Publications. pp. 20-60. 1982.
- ____. *Dramas, fields, and metaphors: symbolic action in human society*. Ithaca/London: Cornell University Press. 1974.
- ____. *The ritual process: structure and anti-structure*. Ithaca, New York: Cornell University Press. 1969.
- VAN GENNEP, A. *The rites of passage*. Chicago: The University of Chicago Press. 1960.